

“O PORTO É SÓ UMA MANEIRA DE ME REFUGIAR NA TARDE”

ANTÓNIO OLIVEIRA
UNIVERSIDADE LUSÓFONA DO PORTO

Eugénio de Andrade viveu cinquenta e cinco anos na cidade do Porto e, como ser social, deambulou nos lugares exteriores desta cidade, descobrindo e fazendo descobrir, através dos seus escritos em prosa, a beleza irrecusável de uma cidade pitoresca e inscrita no tempo desde Fernão Lopes até aos escritores mais recentes. A partir desses lugares exteriores, e alimentado por uma experiência de vida e por uma visão artística, ele metamorfoseou os lugares exteriores em lugares íntimos a partir da magia que lhe outorga a palavra poética. Servindo-se da experiência do ser social, o ser criador desce, deste modo, às profundezas da alma e cria um espaço poético cheio de emoções anódinas que purgam as obsessões e as carências do ser social. Assim, e graças à criação poética, os nomes dos lugares do Porto deixam de ser topónimos para serem catalizadores de memórias e de referências. Os espaços geográficos do Porto passam a ser lugares de uma geografia imaginária que as impressões do ser criador suscitam. Depois de sublimar vários espaços da cidade, Eugénio acabou por criar o seu espaço poético no Passeio Alegre onde deixou a sua herança à única herdeira que é a cidade do Porto.

Palavras-chave: Eugénio de Andrade; Porto; geografia imaginária.

Eugénio de Andrade lived in Porto for fifty five years, and, as a social being, he wandered in the outer space of this city, discovering and letting others discover, through his writing, the irrefragable beauty of a picturesque city, placed in time from Fernão Lopes to the most recent writers. From these outer spaces, and nourished by his life experience and his artistic vision, he transformed the outer spaces into inner spaces through the magic granted by poetry. Using the experience of the social being, the creator goes deep into the soul and gives birth to a poetic space full of anodyne emotions that purify the obsessions and the needs of the social being. Thus, and thanks to the poetic creation, the names of the different places in Porto stop being toponyms to become catalyzers of memories and references. The geographic areas of the city turn into spaces of an imaginary geography inspired by the impressions of the creator. After exalting several spaces of the city, Eugénio ended up creating his own poetic space in Passeio Alegre where he left his heritage to his only heir: the city of Porto.

Keywords: Eugénio de Andrade; Porto; imaginary geography.

O Sr José Fontinhas (Póvoa de Atalaia, 19 de Janeiro de 1923), inspector dos Serviços Médico-Sociais, veio viver para o Porto, em 1950, instalando-se na Rua Duque de Palmela, 111, 1º andar, “onde o pólen das palavras se desprende/e dança dança dança até ao rio” (*Poesia* 207). A partir de 1994, passou a residir na Rua do Passeio Alegre, 584, onde funcionava a Fundação Eugénio de Andrade e aí ficou até à sua morte, a 13 de Junho de 2005. Foram, portanto, cinquenta e cinco anos passados numa relação intimamente “profunda e difícil” com o Porto. Cinquenta e cinco anos ou talvez mais. Sim, porque, aos vinte anos, já Eugénio de Andrade amava o Porto, quando descobriu a nobreza e a virilidade de Domingos Peres das Eiras, pelas falas de Fernão Lopes que o plasmou através de uma prosa tão musical e tão masculina que viria a ter eco ao longo dos séculos, até Herculano e Sophia, entre tantos outros escritores.

Eugénio descobriu e fez descobrir o Porto (o seu coração e a sua alma) não apenas celebrando e sublimando alguns lugares de amor, mas também deixando testemunhos escritos sobre esta cidade barroca de granito e de memórias, onde “há quem habite entre aquelas paredes, e sofra, e faça filhos, e até sonhe” (*A cidade de Garrett* 35). Deixou os livros, *Daqui houve nome Portugal*, uma antologia de textos em verso e em prosa sobre o Porto, com selecção de Eugénio de Andrade, reunindo uma plêiade de autores que escreveram sobre o Porto, desde Fernão Lopes até Mário Cláudio, *Porto os sulcos do olhar*, com fotografias de Dario Gonçalves, e *A cidade de Garrett*, bem como numerosas páginas dispersas em duas obras em prosa poética, onde celebra, com uma visão ao mesmo tempo poética e cronista, várias personalidades, e sublima, aqui e ali, os lugares mais pitorescos desta cidade: *Os afluentes do silêncio* e *À sombra da memória*.

Num artigo intitulado “A Domingos Peres das Eiras, com violetas”, publicado em *Os afluentes do silêncio* e *A cidade de Garrett*, Eugénio divide a cidade do Porto em três fisionomias diferentes representadas pelas respectivas personalidades:

O Porto de Fernão Lopes é quase legendário: heróico e honrado; o de Camilo, grotesco e dramático; o de Garrett, irónico, pitoresco e sentimental A cidade viril de Fernão Lopes é ainda a de Herculano, Ramalho, Jaime Cortesão e Miguel Torga; Raul Brandão, Pascoaes e Agustina estão de algum modo, na continuação do pessimismo de Camilo; de Garrett parte, dessorada, perdido por completo o seu impenitente humor, toda uma toada que de Júlio Dinis e António Nobre vem desaguar em tanta loa tacanhamente regionalista e deprimente. (*A cidade de Garrett* 20-22)

Em suma, uma cidade unida no tempo e no substrato pela sua diversidade. É esta cidade que Eugénio vai pintar com palavras redondas, colorindo os seus labirintos mais irrecusáveis com “os olhos molhados de alegria” (*Porto os sulcos do olhar* 124).

Para o ser social, que era Eugénio de Andrade, o Porto é a mais pitoresca cidade, “banhada por uma acidulada melancólica barroca, que as águas do rio reflectem” (*Daqui*

houve Portugal 149). A sua beleza é irrecusável e a presença solitária de uma figueira, de uma magnólia ou até de um jacarandá furtivo, prende os forasteiros mais desatentos à beleza destes pequenos prazeres.

A experiência da vida vai-nos ensinando que a terra só existe como espaço de teatro da nossa existência (ela está inabitável, porque conduzida por loucos e ambiciosos, escreve Eugénio em *Rosto Precário*: 186). É preciso transpô-la em sonho, aproveitando a inspiração que nos sugerem os lugares exteriores para os lugares íntimos de uma outra existência, graças à reminiscência e ao poder mágico da palavra poetizada: “L’espace, hors de nous, gagne et traduit les choses”, escreve Rilke (Bachelard 182).

A literatura não se limita aos espaços físicos e sociais. O sonho, o espaço, os instantes de exaltação são também espaços privilegiados pela poesia, que devem ser aproveitados para dar novo alento ao ser carente que, durante uma parte da vida, experimentou momentos de angústia e desconsolo que permanecem como obsessões enquanto não forem recalçados por uma actividade anódina fruto da criação poética. Ora, o eu criador retoma a experiência do eu social para expurgar os traumas do eu social, na medida em que a imaginação se nutre do real. Ela não se inventa do nada. As obras são, aliás, o produto de outro eu que não é o que vive no quotidiano (Proust). Quando o poeta deambula pela cidade, acontece-lhe ver para além dos olhos e, numa visão de artista, tal como Cesário Verde, ele pinta quadros com palavras: “E quando o sol, mesmo arrefecido, incide nos vidros, as mil e uma clarabóias e trapeiras e mirantes da cidade encham o crepúsculo de brilhos – o Porto parece então pintado por Vieira da Silva: é mais imaginário que real” (*A cidade de Garrett* 27 e *Porto os sulcos do olhar* 33). A transparência é aqui nostalgia e devaneio ao serviço do eu criador. O artista refugia-se nos lugares mais íntimos, porque, para ele, esses lugares do Porto são lugares de nomes catalizadores de memórias e não de referências.

A Praça da Liberdade, uma praça do tamanho do mundo, o jardim de S. Lázaro, a Praça de Alegria, a Sé, a Ribeira (o coração do burgo), a Rua das Flores, que deveria ser Florentina, a Rua da Madeira com a sua feira dos pássaros, a Torre dos Clérigos, a Foz de Raúl Brandão e o Cabedelo, o rio Douro, as muralhas fernandinas, o cemitério da Lapa, o Campo 24 de Agosto, o Largo do Viriato e o seu jacarandá com “tanto azul hesitante entre violeta e lilás” (*Os Afluentes do Silêncio* 157) e o café Cifrão são, para Eugénio, lugares de afectos ou labirintos da saudade. O poeta desce às profundezas da alma para nela descobrir o espaço poético, um espaço que o envolve de emoções e que, depois de exprimidas, devolvem à alma a pureza e a paz que o poeta procura.

Esses lugares exteriores, manancial de motivos que alimentam o ser criador que os viveu, transbordam de afectos quando metamorfosados pela linguagem poética, que os expurga de modo a serem reenviados às fontes, aos espaços onde encontrarão a imagem de um novo lugar. Porque toda a escrita é uma existência à procura da sua essência, num regresso que só é possível através da criação artística. “Le mot d’un poète, parce qu’il

touche juste, ébranle les couches profondes de notre être” (Bachelard 31). Neste sentido, na Ribeira, ainda podemos ouvir bater o coração da cidade “como no tempo de D. João I, ou de seu filho D. Henrique” (*A cidade de Garrett* 36); a Praça de Alegria cheira bem a café fresco misturado com o cheiro das violetas; do Passeio Alegre, as palmeiras transportam o poeta para Marraquexe onde ele vê Ulisses; o fim da tarde de S. Lázaro convida o poeta a reencontrar-se com o seu passado, “com os restos da minha [sua] vida” (*Poesia* 476); as frésias do seu apartamento, na rua Duque de Palmela, levam-no até Castelo Branco, lugar da sua infância (*Sombra da Memória* 112) e, em S. Vítor, as crianças entram no seu poema como se da sua infância se tratasse, e ele, então, “renasce com olhos de criança para morar nos olhos de crianças” (*Poesia* 322).

Mesmo quando vai à sua terra natal, e apesar de chegar ao Porto ainda com os olhos tão cheios do oiro vegetal dos fenos ou do sangue negro das cerejas, lava os olhos no mar da Foz e volta a reconciliar-se com a cidade. Por isso mesmo, o Porto é o lugar certo para o poeta, porque o Porto é uma cidade cheia de memória que lhe aviva a sua memória.

Há uma memória das coisas, uma poeira muito fina pairando na luz - a poesia seria a perseguição dessa memória. Tal memória, de um tempo que não envelhece, ou de um espaço aberto e feliz, ou somente de uma cultura mais próxima da nossa natureza, tem aqui razões de sobra para ser invocada: estamos no Porto, estamos em lugares onde essa poeira luminosa, num ritmo continuado se foi acumulando, e até algumas vezes ganhou espessura de vinho velho. (...) a pedra rugosa destas casas, as tílias quase negras destes jardins, o rio de sombra destas ruas reflectiram vivos alguns dos rostos que deram expressão ao imaginário português, e que o país exhibe emblematicamente sempre que necessita mostrar que já não cheira a estábulo, para usar a expressão de Aquilino. Bastará lembrar os nomes de Garrett, Herculano, Camilo, Júlio Dinis, Ramalho, Oliveira Martins, António Nobre, Raul Brandão, Guerra Junqueiro, Pascoaes, Régio e Jorge de Sena. (*Sombra da Memória* 41)

E o poeta sente-se orgulhoso de pertencer a esta cidade e conviver com estes rostos.

Os lugares do Porto são, na sua maioria, lugares de memória que fixam o tempo, ou lugares do lume que aquecem a alma do poeta remetendo-o para os lugares da infância: “Para as bandas de S. Lázaro, as ruas estão coalhadas de silêncio” (*Os Afluentes do Silêncio* 169) e “na noite alta, o repuxo do jardim tem a nitidez de um coração muito jovem” (*Ibidem*). Aqui, no jardim S. Lázaro, perto de S. Vítor, as águas do repuxo levam-no metonimicamente para as águas da sua memória que são afluentes do silêncio, águas da sua infância ali à sua frente como estavam as roseiras dessa infância, na Praça da República:

Certa manhã, não há muitos anos, era primavera, atravessava o jardim da Praça da República, como habitualmente, a caminho do emprego; as flores rompiam dos canteiros, rosas, loendros, hidrângeas, o ar era fresco, fremente, cheirava

bem. De súbito, parei diante de um canteiro. Na minha frente estavam as sebes de silvas e roseiras da minha infância, e sobre o cômodo, colhidas por mim, esquecidas por mim, ali estavam as rosas, um ramo viçoso de rosas brancas, quase orvalhadas. (*Sombra da Memória* 123)

Numa perspectiva proustiana, podemos dizer, corroborando Georges Poulet, que, para o poeta, reencontrar o lugar perdido será reencontrar o tempo perdido, do mesmo modo que ao lado um lugar perdido há um lugar reencontrado, graças à magia da palavra poética, mas um espaço que é da ordem do ubíquo e do atemporal (76).

A par dos espaços, há os elementos emblemáticos que paradigmaticamente esses espaços. As praças, as ruas, os edifícios, os jardins não são apenas lugares de referência ou de sonho como também são lugares portadores de elementos/objectos poeticamente emblemáticos que balizam a vida do poeta ou a da sua escrita (o que é a mesma coisa). O poeta dá vida aos elementos (ou, melhor dizer, dá-lhes outra vida, como acontece com o Anjo de Pedra ou o Green God).

Para o artista, os lugares e os objectos de uma geografia imaginária são criados pelo seu espírito. Mesmo quando o espaço se torna uma das formas do real e os objectos representam o mundo verdadeiro e objectivo, estes continuam ligados às impressões que nele suscitam. Não é por acaso que, apesar de ser um homem do sul, como escreve, Eugénio dormia com os lódãos do Porto sobre o coração, em especial um lódão de corpo fino e braços delicados com quem partilhou afectos, regando com desvelos de namorado, como o Príncipezinho regava a sua flor e, por isso, alegrava-se ao vê-lo crescer e, numa confissão franciscana, o poeta declara: “Sempre precisei de uma árvore para refugiar o olhar” (*Ros-to Precário* 144). Do mesmo modo que amou o lódão, amava as outras árvores às quais ele dava nomes. Dar às árvores nomes de pessoas não é coisa só inglês, escreve ele em *Os sulcos do olhar* (44). Em Coimbra Eugénio tinha um choupo branco a que chamava David; no jardim S. Lázaro deu a uma magnólia o nome de sua mãe (Maria dos Anjos) e ao plátano imenso que está à entrada do jardim chamou-o de Walt Whitman.

Na poesia eugeniana, o nome dos objectos/elementos existe para preencher o vazio da existência afectiva, porque a felicidade não está no referente mas sim na sua criação (ou recriação) através da palavra/nome que traduz a impressão. Os nomes fazem sonhar mesmo antes de representar o seu referente. São nomes vivos, que têm alma, como os objectos inanimados de Lamartine (“Objets inanimés, avez-vous donc une âme/Qui s’attache à notre âme et la force d’aimer ?”) e que, por isso mesmo, partilham a vida do próprio poeta, fazendo-lhe companhia, dando-lhe afectos, como se fossem sua irmã, no sentido franciscano do termo.

Os negrilhos da Cordoaria, as tílias do Palácio, as magnólias de S. Lázaro, o jacarandá e o cedro glauco do Largo do Viriato (*Cidade de Garrett* 22), as gaiotas do Cabedelo, os pássaros que entravam na sua casa e acabaram por entrar na sua poesia, o pessegueiro e a

nespereira da Rua Duque de Palmela que lhe batiam na vidraça da sua janela a convidá-lo a partilhar a sua solidão, participam da sua vida como se fossem membros da sua família.

A palavra é a casa do ser (Heidegger), e é com a palavra que o poeta constrói a sua moradia onde se refugia, rodeado de uma natureza harmoniosa e fraterna, porque só ela lhe pode fazer companhia. Ao escrever a sua obra (que é a sua verdadeira vida), o poeta foi absorvendo a seiva da própria natureza para se identificar com ela e fazer também parte dela: “Enquanto escrevia, uma árvore começou a penetrar-me lentamente a mão direita” (*Poesia* 291). Enraizado na cidade do Porto, como uma tília de S. Lázaro ou uma gaivota da Foz, Eugénio acabou por criar o seu lugar mais azul e mais luminoso no Passeio Alegre, com o seu nome indelével, deixando ali, ele também, as suas raízes, o seu espólio, a sua herança.

No aniversário dos seus 80 anos, o poeta, convalescendo no hospital, pediu aos amigos que lhe dessem uma prenda, que consistia em plantar no triângulo de terra escura que se encontra em frente à sua casa, no Passeio Alegre, um plátano ou uma oliveira ou um chorão e, plantar à sua roda uma sebe de flor doce e musical de espinheiro branco. Os amigos assim fizeram porque ainda hoje ali estão os arbustos e a oliveira, frente a uma casa que, infelizmente, agora não é de ninguém, mas que incensa toda a alma de Eugénio de Andrade deixada em herança à cidade do Porto, como consta no testamento. Isso bastará para o tornar, para além de cidadão do mundo, cidadão honorário do Porto.

Gostaria de concluir com as minhas próprias palavras, mas não teria voz suficiente para apagar a chama do silêncio que o poeta tanto nos deixou. E esse silêncio é tão grande como a própria cidade!

O Porto é só uma certa maneira de me refugiar na tarde, forrar-me de silêncio e procurar trazer à tona algumas palavras, sem outro fito que não seja o de opor ao corpo espesso destes muros a insurreição do olhar.

O Porto é só esta atenção empenhada em escutar os passos dos velhos, que a certas horas atravessam a rua para passarem os dias no café em frente, os olhos vazios, as lágrimas todas das crianças de S. Vítor correndo nos sulcos da sua melancolia.

O Porto é só a pequena praça onde há tantos anos aprendo metodicamente a ser árvore, aproximando-me assim cada vez mais da restolhada matinal dos parciais, esses velhacos que, por muito que se afastem, regressam sempre à minha vida. (*Poesia* 411)

Bibliografia

Andrade, Eugénio. *A cidade de Garrett*. Porto: Fundação Eugénio de Andrade, 1997.

- - -. *À sombra da memória*. Porto: Fundação Eugénio de Andrade, 1993.

- - -. *Os Afluentes do silêncio*. Porto: Fundação Eugénio de Andrade, 1997.

- - -. *Os sulcos da sede*. Porto: Fundação Eugénio de Andrade, 2001.

- - -. *Poesia*. Porto: Fundação Eugénio de Andrade, 2000.

- - -. *Rosto precário*. Porto: Fundação Eugénio de Andrade, 1995.

- - - e Gonçalves, Dario. *Os sulcos do olhar*. Lisboa: O Jornal, 1988.

Bachelard, Gaston. *La poétique de l'espace*. Paris: Quadrige/ PUF, 2001.

Mauron, Charles. *Des métaphores obsédantes au mythe personnel - Introduction à la psychocritique*. Paris: Librairie José Corti, 1980.

Poulet, Georges. *Espace proustien*. Paris: Tel Gallimard, 1982.